



Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na solenidade de abertura do 13º Congresso Nacional de Jovens Lideranças Empresariais

Vitória-ES, 17 de outubro de 2007

Senhoras e senhores,

Nosso abraço inicial a todos os jovens do Conaje. O Conselho Nacional, que hoje realiza aqui este Congresso, já é meu conhecido de mais tempo. Eu tenho participado de congressos e também de solenidades de posse, eu tenho me dado a oportunidade de conhecer a fibra dos jovens que estão à frente desta instituição.

Agora, enquanto já estava aqui à mesa, recebi um telefonema da África, onde está o presidente Lula. E ele, ligando para Brasília, ficou sabendo que eu estava aqui, e então me encontrou e me pediu que trouxesse, Fiúza, o seu abraço de congratulações pela realização do Congresso, com votos de que vocês continuem realizando esse trabalho admirável junto aos jovens empreendedores do Brasil inteiro.

Quero dizer que viajando hoje de Brasília para Vitória tive o privilégio de estar ao lado do nosso governador Paulo Hartung. Ele foi meu colega no Senado e ficamos amigos. Como eu sou mineiro, eu tenho acompanhado de perto o trabalho dele em Vitória. Ao cumprimentar o ilustre vice-governador Ricardo Ferraço, eu o cumprimento também, e o parabenizo pelo trabalho que está realizando em Vitória e em todo o estado do Espírito Santo, estado vizinho nosso, de Minas Gerais. Tem uma história que depois eu vou contar para vocês, que é a razão pela qual Minas não tem mar. Depois eu conto para vocês.

Mas Ricardo Ferraço disse aqui que os discursos, segundo Roberto



Campos, têm que ser como uma minissaia. Mas lá em Minas tem um intelectual, escritor, poeta, compositor, e ele nos ensina que os discursos têm que ser como os vestidos das mulheres. Ele fala: “nem tão curtos que nos escandalizem, nem tão longos que nos entristeçam.”

Quero cumprimentar o presidente Pedro Fiúza,

Quero cumprimentar o meu querido amigo João Carlos Coser, ilustre prefeito de Vitória,

Cumprimento o Ricardo Ferraço, ilustre vice-governador do estado,

O Excelentíssimo senhor desembargador Jorge Góes Coutinho, presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo,

A Excelentíssima senhora deputada estadual Luzia Toledo, vice-presidente da Assembléia Legislativa do estado – ela foi minha colega no Senado também, então eu a conheço bem: brilhante, lutadora. Parabênzo os deputados por terem Luzia na Assembléia, especialmente como vice-presidente da Casa.

Quero cumprimentar o Excelentíssimo senhor deputado federal e grande empresário brasileiro Camilo Cola, exemplo de empresário, trabalhador, correto, vitorioso, brilhante sob todos os aspectos. Foi um prazer também que ele tivesse vindo comigo hoje de Brasília.

Quero cumprimentar o Marzinho, Edmar, que é o coordenador deste Congresso,

O Excelentíssimo senhor João Carlos Coser. Eu já tinha cumprimentado lá, mas não tem importância, ele merece.

Excelentíssimo senhor Lucas Isoton, que é o presidente da Federação das Indústrias do estado do Espírito Santo. Vocês vêem que ele conta uns pedaços da minha história. Eu não sei, um dia eu quero dar tempo a ele para ver se ele sabe direito, porque ele gosta de contar a minha história. A minha história é tão pobre, mas ele tem alguma coisa que é engraçada. Só que ele errou o nome da mamãe, que não é Dolor, é Dolores.



Excelentíssimo senhor Edmar Lorencini dos Anjos, coordenador-geral deste Congresso,

Excelentíssimo senhor Marcelo Salles Barbosa, presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas,

Excelentíssimo senhor Raphael Cassaro Machado, presidente da Federação capixaba de jovens empreendedores,

Excelentíssimo senhor Vinicius Lino Ventorim, presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas Jovem,

Excelentíssimo senhor Gervásio Andreão Junior, presidente do Cindes-Jovem, Centro das Indústrias do Espírito Santo Jovem,

Excelentíssimo senhor Evandro Milet, ilustre diretor do Sebrae do Espírito Santo,

Excelentíssimos senhores parlamentares,

Senhores prefeitos,

Senhores vereadores,

Empresários e representantes de entidades de classe aqui presentes,

Jovens lideranças empresariais, participantes deste 13º Congresso Nacional,

Profissionais de imprensa,

Senhoras e senhores,

É com grande satisfação que acolho o convite para o 13º Congresso Nacional de Jovens Lideranças, promovido pela Confederação Nacional dos Jovens Empresários, a prestigiosa Conaje, entidade que congrega lideranças do movimento jovem empreendedor do País, e pela qual tenho especial apreço e admiração. Eu fui empresário jovem, aos 18 anos de idade, mas não havia Conaje. Se houvesse, provavelmente, minhas atividades tivessem tido o apoio desta entidade e eu tivesse vencido mais facilmente. Então, eu tenho afinidade com vocês. O meu pai me emancipou aos 18 anos de idade – naquele tempo a



maioridade era aos 21 – para que eu me estabelecesse

Vocês, que já ouviram falar de mim, sabem que eu apronto minhas diatribes contra os juros. Provavelmente, por quê? Porque a gente tem sempre alguma coisa que vem do passado. Eu vou contar para vocês. Eu não tinha nada, era empregado, balconista de uma casa comercial, de tecidos. Queria me estabelecer, mas não tinha nada. Um irmão 18 anos mais velho do que eu disse assim: “eu tenho uma economiazinha que eu posso emprestar para você. Mas você é menor, nós temos que conversar com o papai para ver se ele está de acordo em emancipá-lo”. O papai concordou e o meu irmão, que era representante comercial e não precisava do capitalzinho dele, me emprestou, então 15 contos de réis. Mas já era cruzeiro, naquele tempo. A gente ainda falava contos de réis, porque o cruzeiro veio em 1942. Então, era o equivalente a 15 mil cruzeiros, igual a 15 mil cruzeiros, que hoje, vamos falar, 15 mil reais.

Pois bem, papai me emancipou e eu, com aqueles 15 contos, montei uma minúscula lojinha de tecidos, que sempre foi o meu ramo de atividade. Isso em Caratinga, uma cidade que fica no eixo da BR-116. E depositava, como ficou combinado com o meu irmão, 225 cruzeiros todos os meses, no Banco Hipotecário e Agrícola do estado de Minas Gerais, para crédito na conta dele em Ubá, onde ele morava. Ele me cobrava 1,5% de 15 mil cruzeiros, eram 225 cruzeiros, e eu depositava. Ele se chamava Geraldo Gomes da Silva, e o gerente do banco se chamava Geraldo também, Geraldo Santana.

Eles admiravam aquele menino de 18 anos vendendo muito, porque eu vendia muito. Ele, então, me perguntou: “meu filho, por que você deposita todos os meses, aqui, 225 cruzeiros a crédito de Geraldo Gomes da Silva, em Ubá?” Eu disse assim: senhor Geraldo, ele é meu irmão, eu não tenho nada, não tenho capital. O meu capital é o dele, 15 mil cruzeiros que ele me emprestou, e ele me cobra 1,5%, eu pago 225. O senhor Geraldo Santana disse assim: “Não pode. Taxa de juros é 1% ao mês, Lei da Usura, Getúlio Vargas, 1933, período do Governo Provisório. Eu tenho essa Lei. Você fala



com o seu irmão, porque ele não pode te cobrar 1,5% de juros, tem que cobrar 1%. E se você quiser, eu quero lhe emprestar os 15 mil cruzeiros, você vai pagar 1% e paga o seu irmão. Você vai pagar apenas 1% aqui, 150, portanto, e não 225”. Senhor Geraldo, eu não posso, o meu pai me emancipou a pedido dele, ele é mais velho do que eu 18 anos – então eu contei que eu sou o 11º filho de uma família de 15. E o senhor Geraldo: “não, mas você tem que falar com ele, porque isso é juro fora da lei”. Está bom.

Um belo dia, Geraldo chegou à Caratinga. Então, à noite, eu falei com ele: Geraldo, o senhor Geraldo Santana, do Banco Hipotecário me disse que você não pode me cobrar 1,5% de juros, porque a taxa de juros é de 1% no máximo, segundo a Lei da Usura, de que ele falou, do Getúlio Vargas. O Geraldo disse assim: “nunca te cobrei juros”. E eu: Mas como? Já tem meses, eu deposito todos os meses no banco os 225, conforme combinado. Ele disse assim: “mas aquilo não é juro”. Então, o que é aquilo? “É aluguel do dinheiro”. Mas como aluguel do dinheiro? Qual a diferença que tem? Ele disse assim: “tem muita diferença. Você tem que ir lá agradecer ao senhor Geraldo Santana, porque ele lhe deu crédito. Mas se você tomar os 15 mil cruzeiros lá e me pagar, tudo bem. Só que daí a 120 dias vence. Você não tem nada. Você tem que acabar com a lojinha, não tem liquidez para vender toda essa mercadoria e pagar o banco, então você está quebrado. Aí ele pode reformar, mas mesmo reformando a promissória, ele vai querer receber pelo menos 20% dela, então você não pode fazer isso. Comigo, não, o principal você não paga. Você paga só o aluguel”. Ele não falava juros, só aluguel. “E daqui a um ano, dois anos, três anos, quando você fizer capital – nós vamos dando balanço todo ano – então nós faremos uma planilha e você vai amortizando e paga o aluguel sobre o saldo devedor, até liquidar”.

Eu falei com o senhor Geraldo Santana, e assim foi feito. Eu estou dizendo isso pelo seguinte: eu tenho um filho e um neto que fizeram MBA nos Estados Unidos, e uma das coisas que eu estava até contando hoje, na



viagem, para o Camilo Cola e para o Paulo Hartung... Nos Estados Unidos são duas universidades onde eles... um deles em Columbia e o outro em Vanderbilt. Ambos disseram que no curso de MBA que fizeram, a escola – são universidades muito boas, Columbia, então, é enorme, um colosso – convida, periodicamente, empresários experientes para ministrar aulas, palestras-aulas, de diálogo com os alunos. É claro que eu não estou aqui na condição de professor de vocês, mas eu sou mais velho, eu estou fazendo hoje 76 anos. Portanto, tem 56 anos que me estabeleci, em 1950. Então, isso me dá uma certa experiência para conversar com vocês sobre negócios.

É aquela história: muita gente no Brasil ainda condena o lucro das empresas. Uma das coisas que o Brasil tem que aprender é a aplaudir o lucro, condenar o prejuízo. Outra coisa que nós temos que aprender no Brasil é que a empresa é um bem da comunidade, onde quer que ela esteja, ela é um bem daquela comunidade. Uma empresa aqui em Vitória é um bem da comunidade de Vitória, mas é também um bem da comunidade do Espírito Santo e um bem da comunidade nacional. Mesmo que ela tenha apenas um proprietário, porque é uma empresa pequena, porque está nascendo, e o seu dono trabalha nela, ela é um bem da comunidade. Por que a empresa é um bem da comunidade? Porque a empresa é uma fração da economia do País.

A economia é representada pelo setor primário, secundário, terciário e infra-estrutura. São empresas que representam esses setores. Empresas do setor primário são as empresas de agricultura, de pecuária, de mineração. Empresas do setor secundário, são as indústrias; as do setor terciário, são as de comércio e serviços, como todos sabem. E as de infra-estrutura são empresas de energia elétrica, de transporte. Então, são empresas que representam a economia. Cada uma delas, seja minúscula, pequena, média, grande, gigantesca, estatal ou privada, é uma fração da economia nacional. Nós queremos uma economia próspera, forte, independente. Para quê? Para que se alcance os objetivos sociais. Para isso é preciso que suas frações o



sejam. Se as empresas forem prósperas, toda a economia será próspera, e é o que nós desejamos. O empresário vive muito mais para a empresa do que dela, ele se realiza com o sucesso dela. E o sucesso dela – me permitam repetir – é o sucesso de uma fração da economia do País. Então, nós temos que aplaudir muito esses jovens que começam a vida e vão trabalhar servindo o País através de uma empresa, através de uma fraçãozinha, ainda que pequena, da economia do País.

Há outras razões pelas quais a empresa é um bem da comunidade. Nós somos transitórios, a empresa fica. Nós, às vezes... no meu caso aconteceu isso. Como empregado, eu ganhava mil e duzentos cruzeiros por mês, eu tinha 18 anos. Quando me estabeleci, eu fixei a minha retirada *pró-labore* em 600, a metade do que eu ganhava como empregado. Então, eu já comecei a viver mais para a empresa do que dela. Essas coisas a gente tem que conversar, a trocar idéias. Eu não sei se vocês praticam no Conaje, isso de convidar pessoas experientes em atividades empresariais, porque isso é bom, que haja diálogo. Mas não é um discurso curto como este, são palestras, é conversa, grupos menores nas cidades. Nós estamos em Vitória. Quantos empresários há no Espírito Santo, que moram em Vitória, que moram por aqui, por perto, ou mesmo fora daqui, mas que podem perfeitamente ser convidados para reuniões periódicas? Pelo menos uma vez por mês fazer uma reunião com os sócios da entidade, estão ali os empresários jovens, começando, para ouvir aqueles que tenham alguma experiência. Às vezes pode coincidir até em área similar àquelas que estão representadas ali pelos próceres, que são os jovens empresários. Mas eu vou continuar lendo o meu discurso, porque senão ele acaba longo. E ele é curto, só tem duas laudas aqui.

Na pessoa do presidente Pedro Fiúza, cumprimento os eminentes participantes deste Congresso, que reúne líderes empresariais jovens, empreendedores e talentosos que, junto com a sua entidade representativa, o Conaje, debatem práticas para ampliar o quadro de novos e sólidos negócios, e



se mostram dispostos a discutir questões voltadas para a evolução do panorama social e econômico do País. É extraordinária a contribuição que jovens empresários comprometidos com a ética, a cidadania, a responsabilidade social e a livre iniciativa dão para o desenvolvimento do Brasil.

A Conaje está de parabéns, tem feito um belíssimo trabalho ao disseminar o espírito empreendedor e práticas úteis aos negócios, por estimular o surgimento de novas lideranças nos diversos estados brasileiros, na atuação como fórum de formação de lideranças empresariais e por desenvolver ações capazes de promover a capacitação profissional e o fortalecimento das empresas, sobretudo as administradas por jovens.

A realização do 13º Congresso Nacional de Jovens Lideranças Empresariais mostra o firme objetivo do jovem empresariado brasileiro de trabalhar para o fortalecimento da livre iniciativa, no interesse de participar efetivamente da vida econômica do País e com o propósito de contribuir para o aprimoramento contínuo da nossa sociedade.

Quero, mais uma vez, cumprimentar o coordenador deste encontro, o Edmar, o Mazinho, o chorão, como eu também sou chorão, e o presidente Lula também é chorão. Mas chora de emoção, num momento de alegria, de satisfação, de realização. Auguro que os objetivos do Congresso sejam plenamente alcançados e que o tema central deste evento se torne um brado de satisfação pessoal e profissional.

Eu não tenho muito mais a falar com vocês, porque eu poderia até me estender, contando algumas passagens para vocês que pudessem ser interessantes. Mas nós teremos outras oportunidades.

Mas vou contar para vocês, como havia prometido, a razão pela qual Minas não tem mar, e a culpa é de um mineiro ilustre chamado Juscelino Kubitschek. Se vocês quiserem, eu posso contar, eu estou no Espírito Santo, nós somos vizinhos, mas vou contar para vocês.



Em Minas Gerais há uma cidade chamada Mantena, que fica na divisa com o Espírito Santo, é uma cidade do Nordeste de Minas. E naquele tempo, tempo de Juscelino, década de 40, década de 50, Mantena era uma região contestada, não pertencia nem ao Espírito Santo e nem a Minas. Então, quem se estabelecesse lá não tinha o Imposto de Vendas e Consignações, não tinha que pagar o imposto nem ao estado de Minas e nem ao estado do Espírito Santo, porque era um município contestado.

Havia lá um cidadão chamado José Fernandes, apelidado de Fernandinho, que era do PSD, partido do presidente Juscelino, e era um cabo eleitoral do presidente Juscelino. Ele era fazendeiro grande, tinha muitos cabras – isso na divisa com o Espírito Santo, mas ele era de Minas. O Juscelino ganhou a eleição para governador de Minas, em 50. Ele, então, cresceu muito, e mandou os cabras dele irem chegando com a cerca para dentro do território do Espírito Santo: “Ah, isso aqui é contestado mesmo, nós vamos chegando”, e foram chegando com a cerca. Até que houve um confronto dos cabras do Fernandinho com militares da Polícia Militar do Espírito Santo, e foi atingido, me parece, um tenente da Polícia Militar do Espírito Santo.

O governador do Espírito Santo ligou para o governador Juscelino, em Minas e contou a história para ele. Naquele tempo as comunicações eram mais difíceis, então, Juscelino ainda não tinha tomado conhecimento desse episódio. Mas o governador lhe disse o seguinte: “Governador, houve isso, isso e isso, e eu queria que o senhor pedisse ao seu amigo Fernandinho que recuasse a cerca para o ponto de origem, porque está me criando dificuldades.” Então, Juscelino mandou à Mantena buscar o Fernandinho para que fosse a Belo Horizonte, à capital. Lá, o presidente disse assim: “Fernandinho, está tudo bem, o gado está gordo, tem chovido muito, como é que está, e as plantações? Vamos tomar um café. Fernandinho, o que está havendo lá, entre seus cabras e a Polícia Militar do Espírito Santo? Segundo eu fiquei sabendo, houve um confronto, foi atingido um tenente da Polícia Militar do Espírito Santo, e consta



que você avançou com a sua cerca para dentro do território do Espírito Santo. Eu quero que você recue imediatamente essa cerca para o ponto de origem”. O Fernandinho falou assim: “Ah, doutor, mas logo agora que nós estamos quase varando no lagoão?”. Lagoão é o mar.

Pois bem, depois de muita conversa – estava presente o José Maria Alkmin, que era muito amigo do Juscelino – o Juscelino disse assim: “Fernandinho, em 1955, que está chegando, eu vou me candidatar à Presidência da República. Se for vitorioso, e eu espero que seja, eu mando você para a Embaixada do Brasil nos Estados Unidos da América”. Aí o Fernandinho se levantou da cadeira, deu uma volta e falou assim: “Uai, doutor, aí mudou de conversa”. Voltou para Mantena e mandou recuar a cerca para o ponto de origem. E foi embora.

Veio o ano da eleição, ele trabalhou como um leão para o Juscelino, e o Juscelino foi eleito. No dia da posse ele estava no Palácio do Catete, amanheceu no Catete, e chegou o José Maria Alkmin, ele estava lá numa sala de espera, lá fora. O José Maria entrou no gabinete do Presidente e falou assim: “Presidente, sabe quem está aí? O Fernandinho. Lembra daquele compromisso de mandá-lo para a Embaixada do Brasil nos Estados Unidos da América?” “Até foi bom, manda ele entrar e fica aqui conosco.” Então, o José Maria foi lá, mandou entrar o Fernandinho. “Fernandinho, como vai, tem chovido muito? E o gado?” E ele, de olho: “eu já estou acostumado com essa conversa.” “Vamos sentar e coisa e tal.” Então, o Fernandinho tomou café e falou assim: “olha, doutor, eu vim aqui para nós acertarmos aquela história da Embaixada do Brasil nos Estados Unidos da América.” “É isso mesmo, está aqui o dr. José Maria, ele vai acompanhá-lo até a Rua Larga, ao Itamaraty, para falar com o chanceler que é compromisso meu, que o Fernandinho é um dos melhores amigos, e cuidar disso. Eu quero que o Fernandinho vá para os Estados Unidos.”

O José Maria, de propósito, deixou o chapéu no gabinete do Presidente,



lá fora se lembrou, voltou para pegar o chapéu e falou: “Mas, Presidente, o Fernandinho não liga duas palavras em português. Como é que o senhor vai fazer isso?” O Juscelino olhou para ele e falou assim: “E quem vai descobrir isso lá nos Estados Unidos da América?”. Aí, foi o José Maria com o Fernandinho. Chegaram ao Itamaraty, o José Maria pediu que o Fernandinho esperasse, entrou no gabinete do chanceler e combinaram de nomear o Fernandinho adido comercial junto ao Consulado do Brasil em New Orleans. “Ah, isso nós podemos fazer.” Aí o José Maria voltou e falou com o Fernandinho: “Fernandinho, está tudo certo, você vai para alguma coisa em que você vai ser muito útil, porque é o seu conhecimento, você vai ser adido comercial junto ao Consulado do Brasil em New Orleans.” O Fernandinho gostou daquilo, especialmente desse nome New Orleans, ele achou aquilo formidável, alguma coisa. Está bom. Aceitou, foi nomeado e foi para New Orleans. Passaram-se os anos, 1970 e tantos, o Juscelino tinha sido cassado, e houve um almoço em que eu perguntei ao presidente Juscelino se esse caso era verdade. Ele falou assim: “É verdade.” Ele perguntou: “Você sabe o caso?”. Eu falei assim: sei. Eu era presidente da Associação Comercial de Ubá. Isso foi em Ubá. “Você sabe o caso?” Sei. “Então, você vai fazer discurso?” Vou. Então, você conta o caso. Eu contei isso que eu contei para vocês aqui. E o Juscelino, no discurso dele, disse assim: “Tudo isso que o José Alencar falou é verdade, só que o Fernandinho foi, senão o melhor, um dos melhores adidos comerciais do meu governo. Agora, me dava um trabalho porque, volta e meia, ele queria, porque queria, anexar os Estados Unidos da América.”